XXIX SEPE
Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão
Teaching, Research and Extension Symposium
Presente e futuro:
uso consciente da Inteligência Artificial
Today and tomorrow:
the conscious use of Artificial Intelligence
E-book
ISBN 978-65-5852-415-1
20 A 22 DE OUTUBRO DE 2025
OCTOBER 20th to 22nd, 2025
UFN Universidade Franciscana Franciscan University

DOI: https://doi.org/10.48195/sepe2025.29620

CAMINHAR, CARTOGRAFAR E ESTENDER: UMA CONSTRUÇÃO DIALÓGICA COM OS PROJETOS MAPEANDO MEMÓRIAS E [COM]VIDA

Gustavo Gonçalves Cougo[1]*, Amanda Rampelotto Löbler[2], Allexia Rhayssa de Vargas Branco[3], Adriano da Silva Falcão[4], Anelis Rolão Flôres[5], Marcio Tascheto da Silva[6]

RESUMO

Este trabalho apresenta uma experiência de articulação entre graduação e pós-graduação, mediada pela extensão universitária na construção de uma metodologia colaborativa de leitura e potencial ativação pedagógica dos territórios urbanos para ser aplicada em uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Parque Itaimbé, em Santa Maria/RS. O objetivo foi sistematizar alguns aspectos dessa experiência de articulação entre pesquisa e dois projetos extensionistas, o Mapeando Memórias e o [com]VIDA, da Universidade Franciscana (UFN). Os dispositivos cocriados com os grupos extensionistas serviram para a identificação de práticas-âncora (ligadas a usos previstos do espaço) e práticas desviantes (associadas a apropriações informais e contra-hegemônicas), na elaboração de um procedimento de pesquisa, explorando a cartografia e a caminhografia urbana como referenciais teórico-metodológicos. As caminhadas, individuais e coletivas, foram realizadas com o intuito de registrar expressividades urbanas visíveis e invisíveis, que foram lidas e traduzidas com mapas, ícones e cadernos de experiência. Dessa sistematização resultou uma matriz de saberes (in)visíveis, compreendida como currículo comum mobilizável do território, configurando o parque como território educativo em potência. A experiência promoveu cooperação entre graduação e pós-graduação, mobilizando competências de leitura situadas do espaço, tradução cartográfica e mediação pública (escutar, dialogar e registrar com valorização da multiplicidade e das diferenças). Concluímos, então, que a extensão ocupa papel fundamental na universidade por produzir conhecimento territorializado com currículos enraizados na realidade urbana.

Palavras-chave: Caminhografia Urbana, Extensão Universitária, Território Educativo.

[1] *Gustavo Gonçalves Cougo, Mestre, Universidade Franciscana, Pró-reitoria de Extensão e Relações Comunitárias, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: g.cougo@ufn.edu.br. ORCID: https://orcid.org/0009-0001-0654-803X.

[2] Amanda Rampelotto Löbler, Mestre, Universidade Franciscana, Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: amanda@ufn.edu.br. ORCID: https://orcid.org/0009-0007-7926-3872.

[3] Allexia Rhayssa de Vargas Branco, Arquiteta e Urbanista, egressa do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Franciscana. E-mail: allexia.branco@ufn.edu.br.

[4] Adriano da Silva Falcão, Doutor, Universidade Franciscana, Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: adriarq@ufn.edu.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8681-5216.

[5] Anelis Rolão Flôres, Doutora, Universidade Franciscana, Pró-reitoria de Extensão e Relações Comunitárias, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: anelis@ufn.edu.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1918-4084.

[6] Marcio Tascheto da Silva, Doutor, Universidade Franciscana, Pró-reitoria de Extensão e Relações Comunitárias, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: tascheto@ufn.edu.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2113-3828.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho integra o eixo temático Educação, Cultura e Comunicação (ECC) do XXIX Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPE) da Universidade Franciscana (UFN) e apresenta uma experiência de articulação entre pós-graduação e extensão universitária na construção de uma metodologia colaborativa de leitura e ativação pedagógica dos territórios urbanos que foi aplicada em uma pesquisa de mestrado. A investigação, com ressonância neste trabalho, desenvolveu-se, ainda, como parte das atividades dos Grupos de Trabalho II e III da Rede Unesco Unitwin Cidade que Educa e Transforma (ISEC - Lisboa, 2023), dedicados aos eixos "territorialidade, identidade e cidadania" e "educação na cidade", respectivamente.

Entre as várias questões possíveis no eixo escolhido, optamos por apresentar a sistematização de uma experiência extensionista articulada entre graduação e pós-graduação, desenvolvida em uma pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana (PPGEHL/UFN), em conjunto com os projetos de extensão Mapeando Memórias e [com]VIDA, ambos vinculados ao curso de Arquitetura e Urbanismo, também da UFN.

Partimos da compreensão de que a universidade, enquanto espaço de produção de conhecimento e formação humana integral, não pode ser concebida isolada dos atores sociais do entorno, mas como um organismo vivo e pulsante, que potencializa-se quando em diálogo com os territórios em que está inserida. E nesse encontro entre comunidade e academia, a extensão universitária ocupa um lugar privilegiado, sobretudo ao romper com a visão de que o saber extensionista é apenas um apêndice das práticas de ensino e pesquisa.

Apostamos, assim, que a extensão deve assumir papel estruturante e transformador na universidade, lado a lado do ensino e da pesquisa, contribuindo para a reconfiguração de seus currículos, metodologias e modos de ensinar e aprender. Assumimos que tal potencialidade se fortalece nas experiências articulando graduação e pós-graduação, especialmente quando envolvem também os saberes locais do território nos processos formativos.

Essa abordagem está no horizonte conceitual de uma "pedagogia universitária com *terroir*" (Silva; Löbler, 2025, p. 65), na qual cada território, como um vinho de qualidade, exige um modo específico de cultivo e elaboração. É a partir das singularidades culturais, históricas, sociais e afetivas de cada lugar que se organizam currículos significativos e ações pedagógicas relevantes para os sujeitos envolvidos nos processos formativos.

Diante disso, o território deixa de ser palco passivo para se tornar ator ativo na formação universitária. A partir dessa perspectiva, compreendemos que a extensão funciona como um ecossistema que territorializa a universidade no chão da cidade, conectando programas, projetos e disciplinas a partir de agendas comuns e da escuta atenta dos saberes da comunidade (Silva; Löbler, 2025).

A pesquisa de mestrado, intitulada "Urbanidades invisíveis: o Parque Itaimbé como território educativo em potência" (Cougo, 2025), origem para este relato, teve como objetivo cartografar, a partir da caminhografia urbana, práticas de espaço e urbanidades invisíveis depreendidas do Parque Itaimbé; interpretar o conteúdo expressivo cartografado das práticas de espaço e urbanidades invisíveis depreendidas do parque; e, extrair desse conteúdo elementos que possam contribuir para a configuração do parque como um possível território educativo na cidade, a partir da potencial ativação pedagógica dos seus diferentes espaços e saberes.

Convém observar que o Parque Itaimbé não se destaca apenas por ser o maior parque urbano da cidade de Santa Maria, mas por ser um território simbólico onde se expressam tensões e desigualdades próprias da urbanização da cidade. Implantado sobre o antigo leito do arroio Itaimbé e incorporado ao Programa CURA na década de 1980, o parque reúne, em um

mesmo espaço, intervenções planejadas e apropriações cotidianas informais, tornando visíveis as contradições entre os projetos oficiais de cidade e os usos reais do espaço urbano (Benaduce, 2007). Por esse caráter híbrido, isto é, ao mesmo tempo produto do planejamento e da informalidade, o parque se configura como um potente manancial de saberes urbanos, constituindo uma espécie de "currículo invisível" que pode ser mobilizado pela investigação, na medida em que a caminhografia urbana permite acessar camadas de vida que escapam às narrativas hegemônicas sobre a cidade.

A discussão central deste trabalho, portanto, não se expande à identificação do parque como território educativo em potência, mas se afunila para refletir como a articulação metodológica entre pós-graduação e graduação, mediada pela extensão universitária, pode fortalecer a produção do conhecimento territorializado em contextos urbanos. A partir dessa abordagem, o presente trabalho busca: (i) discutir a extensão como espaço de produção de saberes; (ii) analisar a caminhada como dispositivo metodológico no campo da educação em contextos urbanos; e (iii) mostrar como o trabalho conjunto entre diferentes níveis de ensino pode resultar em ferramentas aplicáveis ao mapeamento e ativação de territórios educativos.

Diante disso, o trabalho está organizado em quatro seções, além desta introdução. Na seção 2 - Metodologia, descrevemos o referencial teórico-metodológico, a participação dos projetos de extensão e os procedimentos adotados na pesquisa. Na seção 3 - Resultados e Discussão, apresentamos um extrato do saldo das análises cartográficas com a matriz de saberes construída a partir das apreensões expressivas do parque, relacionando-os ao debate sobre educação urbana e extensão universitária. Na seção 4 - Considerações finais, retomamos os principais resultados, destacando as contribuições da cooperação entre graduação e pós-graduação para a construção de metodologias territorializadas e sugerindo possibilidades de aplicação em outros contextos.

2 METODOLOGIA

A elaboração deste trabalho não tem por objetivo apresentar de forma exaustiva a metodologia da pesquisa de mestrado que lhe dá origem, mas sistematizar o percurso metodológico construído no diálogo entre pós-graduação e graduação. Em outras palavras, trata-se de organizar e refletir sobre os processos de construção da metodologia da dissertação, tomando como referência a cartografia e a caminhografia urbana, mas destacando sobretudo como a articulação com os projetos de extensão Mapeando Memórias e [com]VIDA contribuiu para sua conformação.

O ponto de partida foi compreender a metodologia como processo vivo e flexível, não como protocolo fixo, tomando como fundamento teórico-metodológico a concepção de cartografia construída por Passos, Kastrup e Escóssia (2020). Assim, ao invés de apresentá-la como um conjunto fechado de etapas, optamos por narrar e sistematizar a forma como ela foi sendo construída coletivamente, de maneira a facilitar a aproximação entre universidade e território. Esse exercício metodológico consiste, portanto, em tornar visível a própria construção da metodologia, valorizando tanto as contribuições dos grupos extensionistas quanto os referenciais teóricos que orientaram o trabalho.

2.1 CARTOGRAFIA COMO FUNDAMENTO METODOLÓGICO

A cartografia se constitui como reação crítica às tentativas de universalizar a realidade. Em vez de se apoiar em modelos arborescentes, isto é, lineares, hierárquicos e centrados em verdades totalizantes, a cartografia encontra fundamento na lógica do rizoma (Deleuze; Guattari, 2011). O rizoma, inspirado na botânica, não possui centro nem hierarquia, mas se expande em múltiplos agenciamentos, promovendo conexões heterogêneas e abertas à

reinvenção. Nessa perspectiva, a realidade não se organiza como um sistema fechado, mas como uma rede de processos em contínua transformação, sempre em devir, onde cada arranjo pode dar origem a novos mapas e novas formas de compreender o mundo (Deleuze; Guattari, 2011).

Nesse horizonte, a cartografia se afirma como pesquisa-intervenção, método-processo que não busca representar a realidade como objeto estático, mas acompanhar seus fluxos, intensidades e movimentos (Barros; Kastrup, 2020). A cartografia implica em mergulhar no território, habitar os encontros e dar língua aos afetos que pedem passagem (Rolnik, 2016), a partir dela o cartógrafo não se coloca como observador neutro, mas como sujeito implicado em uma experiência coletiva, atravessada por forças sociais, políticas e afetivas (Passos; Eirado, 2020).

Para orientar essa postura investigativa, Passos, Kastrup e Escóssia (2020) sintetizam oito pistas do método da cartografia (Quadro 1), que não prescrevem passos, mas oferecem norteadores para o pesquisador acompanhar processos e se deixar afetar por eles.

Quadro 1 — Síntese das oito pistas do método da cartografia

Pista	Norteador	Síntese
P1	A cartografia como método de pesquisa-intervenção	Conhecer e fazer, pesquisar e intervir são inseparáveis no método da cartografia
P2	O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo	A atenção do cartógrafo deve ser flutuante, concentrada e aberta, podendo ser organizada em quatro gestos: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento
P3	Cartografar é acompanhar processos	A cartografia não visa isolar um objeto para análise, mas desenhar a rede de forças que o conecta a outros objetos ou fenômenos
P4	Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia	A cartografia sempre requer dispositivos para dizer e fazer ver o conteúdo cartografado, de modo que cada dispositivo opera em diferentes movimentos-funções
P5	O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica	A cartografia é, também, uma prática de construção do plano coletivo de forças que formam o plano de experiência cartográfica
P6	Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador	Na cartografia, a dissolução do ponto de vista do observador permite uma abertura para outros pontos de vista sobre um mesmo objeto ou fenômeno, de modo a desnaturalizar realidades estáveis
P7	Cartografar é habitar um território existencial	Na cartografia falamos de modos de vida, de encontros, e desencontros, portanto, o cartógrafo precisa estar imerso e implicado no território
P8	Por uma política da narratividade	A cartografia também se dá na maneira que escolhemos para narrar o conteúdo cartografado

Fonte: Passos; Kastrup e Escóssia (2020) adaptado por Cougo (2025).

2.2 CAMINHOGRAFIA URBANA COMO DESDOBRAMENTO

A caminhografia urbana surge como um desdobramento metodológico da cartografia, desenvolvida pelo grupo Cidade + Contemporaneidade, da UFPel, em diálogo com experiências de ensino, pesquisa e extensão (Fiol, 2023; Rocha; Santos, 2023). Trata-se de um método-não-método que tem no caminhar sua principal estratégia de investigação e intervenção (Rocha; Santos, 2023).

Mais do que deslocar-se fisicamente, a caminhografia compreende caminhar como prática estética, ética e política: “caminhar para ler e escrever a cidade” (Rocha; Santos, 2023). Nela, o corpo torna-se dispositivo sensível de apreensão do espaço urbano, registrando sons, cheiros, gestos, encontros e apropriações invisíveis ao planejamento hegemônico.

A caminhografia, assim, amplia o sentido da cartografia, enfatizando a dimensão corpórea e relacional da pesquisa. Ao caminhar, o pesquisador não apenas observa a cidade, mas a vive, deixando-se atravessar pelo território. Essa experiência pode gerar registros múltiplos (cadernos, mapas, *collages*, fotos, desenhos), que são posteriormente traduzidos em narrativas, mapas e figuras-tipo, numa lógica criativa e não reprodutiva. Rocha e Santos (2023) propõem dez pistas provisórias (Quadro 2) para orientar essa prática, entendendo-as como sugestões abertas, não como normas/regras.

Quadro 2 — Síntese das dez pistas provisórias sobre a caminhografia urbana

Pista	Caminhografia
P1	É andar a pé
P2	É percurso
P3	É experiência uno ou múltipla
P4	É ir em busca dos encontros com o minorizado
P5	É criar registros
P6	É corpo vibrátil
P7	É experienciar velocidades
P8	É registro
P9	É jogo
P10	É agenciamento

Fonte: Rocha e Santos (2023) adaptado por Cougo (2025).

2.3 A CONSTRUÇÃO COLETIVA COM OS PROJETOS EXTENSIONISTAS

A metodologia sistematizada neste trabalho foi tecida em diálogo com dois projetos de extensão vinculados ao curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Franciscana (UFN). Tanto o [com]VIDA quanto o Mapeando Memórias se constituem como lugares privilegiados de experimentação pedagógica, na articulação entre ensino, pesquisa e extensão, a partir dos territórios em que atuam. Ao integrar esses projetos à construção metodológica da dissertação, buscamos tensionar a lógica acadêmica tradicional que deslegitima o saber extensionista, aproximando a produção de conhecimento das práticas cotidianas da cidade, utilizando-se da experiência dos grupos no território, conforme abordaremos a seguir.

2.3.1 Os projetos de extensão

A UFN forma grupos extensionistas por meio de seus Projetos Institucionais de Extensão e, com isso, consegue articular atividades extensionistas da graduação com a pós-graduação. Dessa maneira, promove ações de ensino e pesquisa integradas em diálogo com a comunidade. Entre os projetos, estão o Mapeando Memórias e o [com]VIDA, ambos vinculados ao curso de Arquitetura e Urbanismo. O Mapeando Memórias surgiu com o objetivo de discutir temas relacionados à educação e à preservação patrimonial. Entre seus principais desdobramentos, destaca-se a elaboração de um projeto interpretativo voltado ao reconhecimento histórico e cultural. Foi criado em 2019, por professores, como resposta às mudanças na legislação municipal, que passaram a ameaçar o patrimônio histórico edificado da cidade, cuja origem remonta ao século XVIII (Flôres et al., 2022). Já o projeto [com]VIDA, criado em 2018, também por professores, tem como objetivo desenvolver ações de educação urbana voltadas ao fortalecimento da identidade local, a partir da apropriação dos

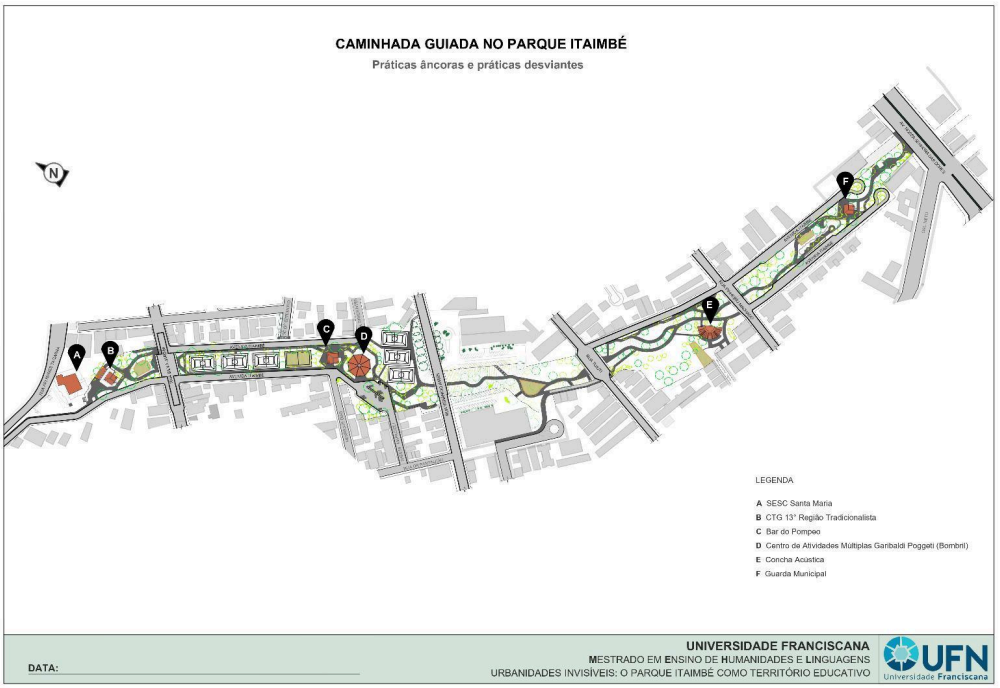
espaços públicos pelas pessoas e comunidades, defendendo um ideal de corresponsabilidade coletiva pela qualidade de vida urbana (Guma et al., 2025).

2.3.3 Contribuições da construção

A participação dos projetos [com]VIDA e Mapeando Memórias não se restringiu a um apoio pontual, mas constituiu parte essencial da construção metodológica. Ao longo do processo, foram realizadas reuniões preparatórias com os membros dos grupos extensionistas, em que se discutiram as formas mais adequadas de aplicar as pistas da cartografia e da caminhografia no contexto do Parque Itaimbé. Nesses momentos, buscamos definir conjuntamente quais dispositivos metodológicos seriam mais adequados para registrar as práticas de espaço e as urbanidades invisíveis nas caminhadas coletivas.

A partir dessas discussões, elaborou-se uma dinâmica de caminhadas em grupo, organizada em três momentos: (i) uma exposição introdutória sobre os objetivos e conceitos da investigação; (ii) a realização da caminhada propriamente dita; e (iii) um espaço de socialização das percepções e reflexões emergentes. Como instrumentos de apoio, foram confeccionados mapas específicos para cada grupo extensionista, adaptados a partir de um mapa do Instituto de Planejamento de Santa Maria (IPLAN), conforme Figura 1.

Figura 1 - Instrumento cartográfico para as caminhadas em grupo.



Fonte: IPLAN, adaptado por Gustavo Gonçalves Cougo e Allexia Rhayssa de Vargas Branco.

Esses mapas foram acompanhados de um conjunto de ícones representados em adesivos, organizados em duas categorias principais (Figura 2), a serem utilizados durante as caminhadas para registrar as expressões urbanas observadas pelos participantes:

a) Práticas-âncora, ligadas a usos institucionais, planejados e formalizados;
b) Práticas desviantes, relacionadas a apropriações espontâneas, improvisadas ou contra-hegemônicas, como moradias efêmeras, intervenções artísticas, esportes improvisados e atividades informais.

Figura 2 - Ícones categorizando as práticas-âncora e práticas desviantes.



Fonte: Marcio Tascheto da Silva, Anelis Rolão Flôres, Gustavo Gonçalves Cougo e Allexia Rhayssa de Vargas Branco.

Durante as caminhadas, os participantes colavam os adesivos nos mapas para marcar situações observadas, o que possibilitou a criação de um registro coletivo e visual das experiências no território. Esse procedimento, discutido e validado em reuniões prévias, resultou em um instrumento metodológico compartilhado, como forma de traduzir, pelo menos uma parte apreensível nos momentos de caminhada, a complexidade do parque em camadas visíveis e invisíveis.

Figura 3 - Imagens registradas após as caminhadas.



Fonte: Cougo (2025).

Ao final, os grupos extensionistas não apenas contribuíram com dados empíricos, mas participaram da própria intervenção metodológica, ajudando a configurar um procedimento que uniu rigor acadêmico, sensibilidade e envolvimento, como forma de ressoar nas caminhadas as pistas da cartografia e da caminhografia. Essa experiência coletiva foi essencial para consolidar a proposta de uma cartografia caminhográfica territorializada, em que os saberes da comunidade universitária e os saberes da cidade se entrelaçam na observação das urbanidades visíveis e invisíveis do parque.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente seção organiza os resultados obtidos a partir da aplicação dos procedimentos metodológicos descritos anteriormente, discutindo-os a partir do debate sobre a extensão universitária e sua contribuição para uma pesquisa de pós-graduação. Primeiramente, apresentamos a dinâmica das caminhadas e os registros produzidos no Parque Itaimbé (3.1). Em seguida, destacamos as principais expressões observadas, sintetizadas em uma matriz de saberes (in)visíveis do parque (3.2). Na sequência, destacamos a dimensão

extensionista na construção metodológica (3.3). Por fim, sistematizamos as implicações pedagógicas decorrentes dessa experiência nas considerações finais.

3.1 DINÂMICA DAS CAMINHADAS E REGISTROS

As caminhadas no Parque Itaimbé constituíram o principal procedimento empírico da investigação. Seguindo um cronograma previamente definido, elas foram realizadas em diferentes dias da semana e turnos distintos (manhãs, tardes e inícios de noite), o que possibilitou apreender variações de uso ao longo do tempo e dos dias. Essa multiplicidade temporal foi fundamental para observar como o parque se transforma conforme o período do dia e a circulação dos usuários.

As caminhadas ocorreram em três formatos: (i) coletivas, com a participação dos grupos de extensão, que favoreceram a leitura compartilhada e a troca imediata de impressões; (ii) individuais, em que o pesquisador pôde experimentar uma atenção mais íntima e prolongada sobre os espaços; e (iii) com os orientadores, que ofereceram momentos de sistematização e ajuste metodológico. Essa alternância de modalidades permitiu cruzar percepções diferentes, ampliando a riqueza do material produzido. Apresentamos no Quadro 3, uma síntese das incursões realizadas no parque.

Quadro 3 - Síntese das incursões realizadas no parque.

Data	Tipo da caminhada	Período semanal	Turno	Clima	Outros participantes
05/04/2024	Coletiva	Sexta-feira	Tarde	Calor	Anelis Rolão Flôres e Marcio Tascheto da Silva
28/05/2024	Coletiva	Terça-feira	Tarde	Calor	Marcio Tascheto da Silva
13/06/2024	Individual	Terça-feira	Manhã	Ameno	-
21/07/2024	Individual	Domingo	Noite	Ameno	-
31/08/2024	Em grupo	Sábado	Manhã	Ameno	Anelis Rolão Flôres e Marcio Tascheto da Silva e grupo Mapeando Memórias
14/09/2024	Em grupo	Sábado	Manhã	Ameno	Anelis Rolão Flôres e [com]VIDA
16/10/2024	Individual	Quarta-feira	Tarde	Chuvoso	-

Fonte: Cougo (2025).

Nota de escopo metodológico: a construção realizada com os projetos extensionistas não abarcou toda a metodologia da dissertação, ela correspondeu especificamente ao segmento das caminhadas coletivas. A metodologia completa alternou sistematicamente entre caminhadas individuais e coletivas. Estas últimas, conduzidas com pequenos e grandes grupos, conforme já sistematizado. Assim, a parceria com os grupos extensionistas serviu sobretudo à dimensão “em grupo” da caminhografia.

Ainda que articuladas às incursões individuais, as caminhadas coletivas cumpriram papel decisivo no conjunto analítico que resultou na matriz de saberes (in)visíveis do parque, entendida como uma espécie de currículo invisível do território, passível de mobilização pedagógica com ações concretas. Sem a participação dos grupos, parcela importante da análise caminhográfica ficaria comprometida, pois as/os estudantes atuaram não apenas na concepção e produção dos instrumentos (mapas e ícones), mas também na apreensão das expressividades urbanas emergentes do campo.

Como dispositivo de registro, foram confeccionados mapas simplificados do parque, adaptados a partir da planta do Instituto de Planejamento de Santa Maria (IPLAN), e um conjunto de adesivos com ícones que representavam práticas de espaço. Durante as caminhadas, os participantes colavam os adesivos nos mapas, marcando situações observadas e compondo, assim, uma cartografia coletiva e visual do território. Esse material, somado a relatos orais e escritos, resultou em um *corpus* híbrido, com a intenção de traduzir, mesmo que parcialmente, a experiência vivida em registros cartográficos, narrativos e imagéticos.

Ainda quanto aos registros, todas as caminhadas (individuais e coletivas) foram anotadas em cadernos de experiência, elaborados pelo mestrando, com o objetivo de documentar as percepções e imagens registradas por ele durante os percursos.

3.2 EXPRESSIVIDADES URBANAS DO PARQUE

Os registros das caminhadas evidenciaram um conjunto de práticas-âncora e práticas desviantes que se sobrepõem e tensionam o território-parque. As práticas-âncora estão relacionadas a usos planejados e institucionalizados, como quadras esportivas, academias ao ar livre, brinquedos infantis, áreas de lazer e espaços organizados pela prefeitura. Essas práticas conferem ao parque uma dimensão de espaço público regulado, associado a funções oficiais de recreação, saúde e convivência.

Em contrapartida, as práticas desviantes correspondem a usos informais e não previstos, que emergem do cotidiano dos frequentadores. Entre elas, destacam-se rotas alternativas criadas pelos próprios usuários, a presença de populações em situação de rua, pequenos comércios efêmeros e ambulantes, manifestações religiosas espontâneas, eventos culturais e ocupações noturnas. A justaposição desses usos mostra que o Parque Itaimbé funciona como um território híbrido, no qual convivem diferentes formas de apropriação, muitas vezes conflitivas. Em alguns casos, o mesmo espaço era utilizado como área de lazer infantil durante o dia e como abrigo noturno à noite, revelando camadas de vida invisibilizadas pelos planejamentos oficiais.

A partir da sistematização dos registros, foi possível elaborar uma matriz de saberes urbanos, composta pela articulação entre práticas-âncora e práticas desviantes. Essa matriz evidencia que, no cotidiano do parque, coexistem dimensões planejadas e usos imprevistos, que, ao se entrecruzarem, produzem possibilidades de aprendizagens sobre a cidade, a cidadania e a vida coletiva. O território-parque é, então, um manancial de potencialidades em vias de se concretizar. Por isso, a matriz, construída a partir das apreensões expressivas realizadas nas caminhadas, constitui o saldo cartográfico da investigação e sustenta a compreensão do Parque Itaimbé como território educativo em potência, que pode se concretizar quando esse currículo organizado se transformar em atividades educativas concretas e intencionais.

Esse quadro demonstra que o parque não pode ser reduzido a um espaço homogêneo de lazer, mas deve ser compreendido como campo de tensões, disputas e aprendizagens, onde se expressam desigualdades e resistências próprias da urbanização contemporânea. As expressividades urbanas foram explicitadas sob a forma de figuras-tipo (Figura 5), as quais são explicadas em Cougo (2025, p. 67-68):

> As figuras-tipo são apreensões do inconsciente urbano, cartografadas a partir das caminhadas individuais e em grupo, e funcionam, neste trabalho, como personagens, estruturadas e atreladas sempre ao território do qual emergem, levando em conta os seus agenciamentos e atravessamentos. Assim como os tipos psicossociais, propostos por Deleuze e Guattari (2010), as figuras-tipo organizam as relações humanas e evidenciam como os indivíduos se comportam em determinados contextos.

Figura 5 - Dispersão das figuras-tipo pelo território



Fonte: IPLAN, adaptado por Allexia Rhayssa de Vargas Branco e Gustavo Gonçalves Cougo.

3.3 A DIMENSÃO EXTENSIONISTA DA CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

Do ponto de vista formativo, podemos afirmar que com o planejamento e execução das caminhografias coletivas, estudantes e docentes exercitaram três competências extensionistas centrais: (i) leitura situada do espaço — reconhecer a existência camadas visíveis/invisíveis e seus agenciamentos no território; (ii) tradução cartográfica — transformar percepções em linguagem gráfica (mapas e ícones) e narrativa; e (iii) mediação pública — escutar, dialogar e registrar sem apagamento das diferenças.

Os dispositivos cocriados (mapas adaptados do IPLAN e ícones/adesivos) funcionaram como ferramentas de criação para o movimento de experimentação pedagógica com o parque. O mapa serve de suporte à uma "alfabetização cartográfica" crítica (localizar, relacionar, comparar), enquanto o conjunto de ícones/adesivos orienta a observação (práticas-âncora x desviantes) e sistematiza evidências no tempo real do corpo no espaço. Nas caminhadas, o gesto de colar, anotar e discutir configura um ciclo didático curto (observar–registrar–socializar–revisar) que converte experiência em conhecimento compartilhado.

Os papéis também são pedagógicos: o mestrando atua como espécie de “designer da experiência” e mediador, os extensionistas como coautores e pares tutores (olhar treinado para o urbano, cuidado com o outro, negociação de sentidos), e os docentes como curadores do percurso criativo-reflexivo. Esse ecossistema de ensino-aprendizagem dissolve a sala de aula, instaurando o parque como espaço formativo do tempo-agora e do porvir.

As evidências desse processo aparecem nos cadernos de experiência do mestrando, nos registros coletivos sobre os mapas e na consolidação das figuras-tipo articuladas à matriz de saberes (in)visíveis. Mais que “dados”, esses produtos são traços de aprendizagem: mostram avanço de vocabulário, critérios de leitura e capacidade de transposição didática (da experiência à proposição pedagógica). O conjunto das sete incursões de formatos diversos (Quadro 3) reforça que a construção foi operante e fértil em diferentes condições de tempo, companhia e clima, gerando repertório suficiente para alimentar usos curriculares em potência.

Por fim, a dimensão extensionista retroalimenta o currículo, isto é, a matriz pode orientar trilhas de aprendizagem (atividades em torno das figuras-tipo; roteiros interpretativos; exercícios de mapeamento afetivo), e os dispositivos (mapa/ícones/cadernos) se tornam materiais pedagógicos replicáveis em outras unidades de territórios, conforme a perspectiva de uma pedagogia universitária com *terroir*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou a construção metodológica que sustentou a investigação sobre o Parque Itaimbé, enfatizando como a articulação entre pós-graduação e extensão universitária permitiu criar, operar e amadurecer dispositivos de leitura do território. Mais do que discutir achados substantivos, procuramos demonstrar a viabilidade e a fecundidade do encontro do corpo com o território, mediado pela extensão universitária, evidenciando que a cooperação com os projetos Mapeando Memórias e [com]VIDA qualificou a atenção, organizou procedimentos e consolidou um modo de pesquisar-formar no e com o território.

Metodologicamente, mostrou-se consistente a alternância entre caminhadas individuais e coletivas, sendo que a construção com os grupos extensionistas, aqui apresentada, correspondeu especificamente ao segmento “em grupo” da caminhografia. Os dispositivos cocriados, ou seja, mapas (adaptados do IPLAN) e ícones/adesivos , somados aos cadernos de experiência e ao gesto de colar, anotar e discutir, serviram, inclusive, para transformar a experiência em conhecimento compartilhado. As sete incursões em diferentes dias, turnos e condições, sintetizadas no Quadro 3, funcionam como evidências operacionais de que o arranjo foi efetivo e replicável.

Do ponto de vista pedagógico, o encontro com a extensão não apenas viabilizou a pesquisa, mas configurou um arranjo formativo. Estudantes e docentes exercitaram leitura situada do espaço, tradução cartográfica e mediação pública, dissolvendo a sala de aula em favor do parque como espaço formativo em potência. O produto dessa travessia, isto é, as figuras-tipo e a matriz de saberes (in)visíveis, opera como espécie de currículo invisível do território, passível de ser mobilizado em trilhas de aprendizagem, roteiros interpretativos e exercícios de mapeamento afetivo em contextos educativos.

Por fim, explicitamos o escopo: a construção metodológica com os grupos não abarca toda a metodologia da dissertação, mas fortalece a sua dimensão coletiva, sem a qual parte relevante da análise caminhográfica ficaria comprometida. Ao sistematizar esse percurso construtivo, reafirmamos a extensão como ecossistema estruturante de produção de saberes e defendemos uma pedagogia universitária com *terroir*, uma pedagogia em que cada território (com suas expressividades e tensões) informa o currículo, orienta as práticas e convoca a universidade a aprender com a cidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In:* PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020.

BENADUCE, Marcia Isabel de Vargas. **Parque Itaimbé-Santa Maria/RS**: gênese de um espaço público/privado. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

COUGO, Gustavo Gonçalves. **Urbanidades invisíveis**: o Parque Itaimbé como território educativo em potência. 2025. 175f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens, Universidade Franciscana, Santa Maria, 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

FIOL, Paula Pedreira del. **Entre galerias e a rua**: caminhografia urbana em Pelotas/RS. 2023. 239f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

FLÔRES, Anelis Rolão *et al*. Vivências do grupo mapeando memórias: as linhas art déco como educação patrimonial. **Pixo**: Revista de Arquitetura Cidade e Contemporaneidade, v. 6, n. 22, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.15210/pixo.v6i22.2577. Acesso em: 23 abr. 2025.

GUMA, Juliana Lamana *et al.* Educação urbana: oficinas pedagógicas para (re)aproximação entre a criança e a rua. **Disciplinarum Scientia | Ciências Humanas**, 25(2), 43–56, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.37780/ch.v25i2.5092. Acesso em: 20 abr. 2025.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Tais Beltrame dos. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. **Arquitextos,** 281, ano 24, São Paulo, out. 2023. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923. Acesso em: 12 jul. 2025.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.

SILVA, Marcio Tascheto da; LÖBLER, Amanda Rampelotto. Círculos Territoriais de Aprendizagem: reimaginar nossos territórios juntos. *In:* ORTIZ, Ail Conceição Meireles; MARCHI, Janaina (Orgs.). **Territórios educativos**: extensão e curricularização da extensão na Universidade Franciscana. Santa Maria, RS: Editora UFN, 2025.